

FESTAS, PROCISSÕES E MEMÓRIA

Nivaldina Santos Nascimento¹

RESUMO

No contexto religioso, as festas religiosas e populares estão presentes nas diversas sociedades espalhadas em todo país em todas as épocas como forma de afirmação assimilação de cultura, costume, tradição e crença a santos católicos. As festas constituídas das categorias sagrado e profano são verdadeiras práticas de devoção e fé, ao mesmo tempo, de diversão e prazer. Assim, torna-se importante para a igreja católica a propagação e divulgação dos santos com o propósito de atrair fiéis, nesse âmbito, elas apresentam-se para a igreja como uma das formas mais apropriada de celebração do sagrado, notoriamente, vários santos alcançaram fama e sucesso entre os povos e devotos, especialmente entre os séculos XVIII e XIX que foram de forma decisiva propagados pela igreja em varias localidades do Brasil. Sabiamente, ela procurou aclamar os santos que de alguma forma estavam ligados a população para assim conseguir seus objetivos e finalidades.

Palavras-chave: festa, memória, procissão.

ABSTRACT

In a religious context, and popular religious festivals are present in different societies scattered throughout the country at all times as an affirmative assimilation of culture, custom, tradition and belief the Catholic saints. The festivities consist of categories sacred and profane are true practice of devotion and faith, while fun and pleasure. Thus, it becomes important to the Catholic church spread and dissemination of the saints in order to attract the faithful in this regard, they present themselves to the church as one of the most appropriate celebration of the sacred. notably, many saints have achieved fame and success among the people and devotees, especially among the eighteenth and nineteenth

¹ Graduada em História pela UNIT e especialista em História do Brasil pela INTA.

centuries which were decisively propagated by the church in various locations in Brazil. Wisely, she sought to cheer the Saints who were somehow linked to the population so you achieve your goals and objectives.

Keywords: party, memory, procession.

Era ano novo, a Vila de Lagarto situada no centro-sul sergipano passava por uma agitação diferenciada. Negros perambulavam por todas as partes. Os irmãos do Rosário permaneciam sempre apressados, incumbidos na tarefa da organização da festa, comprando fogos, enfeitando as ruas, ficando o mastro. Era a festa dos santos padroeiros deste povo, celebrada com pompa nos dias de reis.

As festas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, realizadas na Vila de Lagarto e organizadas pela irmandade da mesma, alcançaram muito êxito no século XIX. Os festejos dedicados a São Benedito, padroeiro negro, eram realizados nos primeiros dias do mês de janeiro. As apresentações das bandas de congo registravam o lado profano do evento, já que acabavam promovendo uma grande festa de carnaval. As cantigas eram entoadas em tom de lamento, lembrando o sofrimento dos negros escravos nas senzalas. São Benedito também é homenageado através de músicas e aplausos durante a missa, marcando assim seu lado religioso e a fé de Deus expressa na cultura negra. Segundo Joseneide dos Santos (2006) era marcada pelo clima de camaradagem e de cooperação (p. 61). Nessas festividades, ocorriam cerimônias religiosas que também se apresentavam como forma de diversão coletiva, com rituais que lhes proporcionavam alegria e prazer.

Nos festejos, os fiéis saíam após a missa pelas ruas dançando e cantando músicas populares, variando elementos religiosos e profanos. Na vizinhança da matriz, as pessoas sentavam nas portas de suas residências. Para observar a procissão passar, contagiadas com a alegria dos negros que seguiam o cortejo. Seguindo o cronograma, apresentavam cada santo por sua vez. Negros, libertos e crianças brincavam e

disputavam doces no pau de sebo, enquanto que as taieiras iam dançar em algum domicílio. Havia queima de fogos, leilões e músicas, configurando, assim, uma pausa na rotina da vida dos escravos. Mercea Eliade (2007) descreve que “o profano que será a outra face do sagrado, seu equilíbrio, sua garantia, seu medo.” Será através do profano que o sagrado conquistará sua moldura perfeita, não mais o caos, que voltará somente como componente do sagrado (p. 2-4).

Quanto a questão do espaço sagrado e do espaço profano, ainda segundo o

autor esclarece que para o homem religioso o espaço não é homogêneo, mais apresenta o viver real, enquanto que o espaço profano constitui-se homogeneidade, porém mesmo nesta experiência de espaço, alguns valores vão lembrar a não homogeneidade específica da experiência religiosa, do espaço que se intervém. Nesta perspectiva, Eliade destaca que eles são os lugares sagrados do seu universo privado. E que, para o homem religioso o espaço não se cria ao acaso e sem vínculo de um centro tornando-se uma heterogeneidade, enquanto para o homem profano o espaço descende de uma natureza e é mutável, o autor acrescenta que “uma tal experiência profana jamais se encontra no estado puro”. (1992, p. 25-26-27)

Essas festas detinham de uma relevância significativa na sociedade lagartense do século XIX. Para tanto, tem-se como objeto de estudo as festas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário na Vila de Lagarto entre os anos de 1856 e 1888. Diante da perspectiva do conhecimento e da compreensão de como tudo aconteceu. O intuito dessa pesquisa é o aprofundamento sobre os procedimentos no cotidiano da vida dessas pessoas no que se refere à cooperação e contribuição dos mesmos, para a realização da devoção aos seus santos preferidos, misturando costumes e tradições que enaltecera a cultura local e foram disseminadas nas festividades, marcando o lado religioso e o profano.

Dessa forma, foi desenvolvida uma pesquisa quantitativa com enfoque histórico-documental, pautada no levantamento e análise de

fontes escritos (manuscritos e impressos) e bibliográficos. O levantamento bibliográfico é concernente à temática em foco.

De acordo com o propósito a ser alcançado, delimitou-se o tema a ser trabalhado. Nessa mesma perspectiva, foi posto em prática a heurística, no qual levantamos obras importantes para a pesquisa como também documentos do Arquivo Judiciário e o texto de Melo Moraes Filho, entre outros, que se fizeram presentes para enaltecer e qualificar o trabalho.

Em posse de todas as obras e em condições favoráveis para o estudo, constitui-se a hermenêutica. Tendo em vista que, para a interpretação dessas fontes, fez-se necessário um estudo mais profundo e minucioso a fim de obter a veracidade e a essência das fontes analisadas, sem fugir do contexto em questão. Em seguida, de acordo com a interpretação das obras estudadas, realizou-se a descrição das mesmas, concluindo todas as etapas da pesquisa.

Diante dessa assertiva, tem-se como objetivo, compreender as festas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário entre os anos de 1856 a 1888, como manifestação do sagrado na Vila de Lagarto. Para isso, tornou-se necessário compreender a organização destas festas, como obrigação dos membros da irmandade, perceber as principais características e rituais da procissão, analisar os segmentos participantes das festividades e compreender o território flexível do sagrado, constituído com a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

O homem, desde sua origem, desenvolveu dentro de si um lado religioso e um profano. Supõe-se que isso tenha acontecido pela necessidade de busca do preenchimento de seu interior, como satisfação para o seu ego. Mediante tantas dúvidas e sofrimentos, o homem foi cada vez mais se provendo da religião e dessa forma elevando sua crença e fé a vários deuses.

Devido às diversidades de religiões e os vários aspectos semelhantes e diferentes que as compunham, tornou-se um dilema muito interessante significativo para a sociedade.

Dentro desse contexto, tão diversificados e tão envolvente, que ora parecia ser complexo, ora simples, o homem se aprofundava cada vez mais nesse mundo procurando a essência da religião como refúgio, resposta para algo, prazer, busca incessante para a solução de problemas, etc. Analisando a sociedade e as várias formas de se construir religiões, alguns estudiosos se dedicaram em estudá-las.

Dentre eles Emile Durkheim e Mercea Eliade que desenvolveram conceitos e assuntos relacionados à temática. Esses autores deram uma contribuição primordial para o estudo e a compreensão das religiões.

Para o teórico Mercea Eliade o sagrado nada mais é do que algo que se opõe ao profano. Daí a primeira definição, segundo ele, para o sagrado “é que ele se opõe ao profano.” (ELIADE, 1992, p. 17). Tendo em vista que, o autor aborda essa questão com muita precisão, pois segundo ele o sagrado se manifesta no homem como algo absolutamente diferente, por isso é que o homem toma conhecimento do mesmo. (ELIADE, 1992, p. 17). O autor cita ainda que o espaço sagrado para o homem religioso representa a possibilidade de encontrar-se e comunicar-se com os deuses. (ELIADE, 1992, p. 60). Em conformidade, Eliade observa:

Para o homem religioso toda decisão existencial de “situar” no espaço constitui, de fato, uma decisão religiosa. Assumindo a responsabilidade de “criar” o mundo que decidiu habitar, não somente cosmiza o caos, mas também santifica seu pequeno cosmos, tornando-o semelhante ao mundo dos deuses. A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um “mundo divino”, ter uma casa semelhante a “casa dos deuses”, tal qual foi representado, mais tarde nos templos e santuários. (ELIADE, 1992, p. 61).

De acordo com Emile Durkheim, é necessário compreender as religiões primitivas para então entender as atuais. Partindo desse pressuposto, o autor trata de um sistema religioso que é o mais primitivo e, para tal, é necessário segundo ele preencher as seguintes condições: em primeiro lugar, “é preciso que se encontre em sociedade cuja organização não seja ultrapassada por nenhuma organização não seja ultrapassada por nenhuma outra em simplicidade, além disso, é preciso que seja

possível explicá-la sem fazer intervir nenhum elemento tomado de religião anterior”. (1989, p. 29).

As religiões de modo geral não apresentam o mesmo valor e dignidade, porém não existe religiões falsa. Todas dentro da sua particularidade, ainda que paradoxal são verdadeiros, pois todas à sua maneira respondem a determinadas condições da vida humana. (DURKHEIM, 1989, p. 30-31). Para tanto, o autor coloca que “religião “é coisa eminentemente social” e as representações religiosas são “representações” coletivas que exprimem realidades coletivas”. (1989, p. 39).

Quanto a questão do espaço e do tempo Emile Durkheim diz que eles podem ser homogêneo, é necessário detenção entre o espaço e o tempo. E que essas detenções são derivadas dos diferentes valores afetivos atribuídos as regiões. (1989, p. 40). Por conseguinte, o autor define:

A sociedade é uma realidade *suigeneris*, tem suas características próprias que não são encontradas, ou que não são sob a mesma forma, no resto do universo. As representações puramente individuais, e podemos estar seguros, de antemão que as primeiras acrescentam alguma coisa às segundas. (DURKHEIM, 1989, p. 45)

Quanto ao que diz respeito aos fenômenos, Durkheim coloca que eles estão ordenados em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos, sendo que, as crenças, “estados da opinião, consistem em representações.” E os ritos “são modos de ação determinados.” (1989, p. 67). A partir daí, ele classifica as coisas em dois gêneros opostos designados pelas palavras profano e sagrado. (DURKHEIM, 1989, p. 68). Esclarece ainda que são duas categorias totalmente opostas uma a outra.

Mediante essa oposição, hostilidade e rivalidade que elas apresentam ele concebe as coisas sagradas como “aquelas que os interditos protegem e isolam”. E as coisas profanas “aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distância das primeiras”. (DURKHEIM, 1986, p. 72). Enfatiza que é possível um ser passar do estado profano para o sagrado e vice-versa, contudo, é preciso

que esse ser se desintegre inteiramente de um deles para que então passe a pertencer apenas ao outro. (DURKHEIM, 1989, p. 70-71).

No tocante ao sagrado e ao profano o autor Alberto Lins Caldas cita que o homem socialmente definido e singularizado se impõe ao não humano através do sagrado. Para ele o “sagrado é práxis radical que instaura o ser do homem e do universo”. Acrescenta ainda que “antes há somente algo sem antítese, criado por determinada historicidade, mas sem possibilidade de apreensão”. (CALDAS, 2007, p. 10). Para ele o profano apresenta-se como “caos, o distante, a natureza não domada, a extensão estranha do sagrado, aquilo que o ameaça e pode destruir as forças demoníacas do inumano, que quase sempre, por medo foi anexado ao próprio sagrado como a outra face de si mesmo.”

Diante disso, os autores deixam evidente a relevância que a religião e os diversos aspectos que a compõe são cruciais e estão presentes em todos os indivíduos sendo ou não religiosos.

As festas religiosas introduzidas em nosso país antecede ao seu tempo de culminância. Pode-se dizer que no século XVI, já ocorria a hibridização progressiva das cerimônias religiosas dentro e fora das igrejas. A ação catequética foi uma das responsáveis pela divulgação devocional em relação a vários santos, como é o caso de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário nos séculos XVI, XVII e XVIII, bem como pelo o nascimento de irmandades. Contudo, devido ao sistema e à forma de colonização do país, dentre todas as devoções a santos que obtiveram sucesso e permaneceram no imaginário popular, (em decorrência de inúmeros elementos como apelo dos atributos e origem mítica da devoção) estão São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Claro, que tudo isso se deve a influência negra trazida para o Brasil pelos colonizadores e escravos africanos. Estes alcançaram e marcaram a sociedade de maneira profunda, no que diz respeito aos valores religiosos e profanos.

As festas de São Benedito alcançaram tanto êxito em virtude da admiração dos negros escravos pela sua vida santificada e,

principalmente, em decorrência da identidade constituída com os santos negros que se espalhou por todo o mundo da época. Portanto, esta devoção nos remete ao século XVIII, visto que os negros brasileiros se identificaram com ele em função da cor e descendência africana. Dessa forma, a Vila de Lagarto e suas adjacências tiveram o privilégio de ser palco de festividades religiosas dos santos São Benedito e Nossa Senhora do Rosário ao longo do século seguinte. Essas festas foram contempladas com o apoio de diferentes segmentos sociais lagartenses, principalmente os de origem negra, tendo vínculo ou não com a igreja. Por alguma razão, crença e fé aos santos se dispuseram a cooperar naquilo que podiam. Assim, a Igreja Católica atenuava as tensões sociais e fortalecia séquito de fiéis incorporando novos sujeitos.

Como bem se pode perceber, os principais atuantes e interessados para a realização desses festejos eram os escravos e homens libertos, que organizados, participavam constantemente de toda demanda decorrentes se empenhando de alma e corpo para que tudo fosse conforme o planejado. Sendo esse trabalho concebido pela irmandade de Lagarto composta pelos pobres, escravos e libertos, como era estabelecida a relação entre o sagrado e o profano nas festas dos santos protetores dos negros na Vila de Lagarto no século XIX.

Muitos estudiosos se interessaram em conhecer melhor as festas religiosas realizadas em nosso país dedicados a vários santos. Dentre estes estão São Benedito e Nossa Senhora do Rosário que foram cultuados em diversas regiões do Brasil conseguindo conquistar uma multidão de fiéis. Assim, esses santos despertaram nas pessoas o gosto pela devoção como forma de satisfação para o espírito e para o corpo. Esses pressupostos foram essenciais para fazerem dessas festas um grande sucesso nos aspectos religiosos e culturais.

Comemoradas na Vila de Lagarto entre o período de 01 à 06 de janeiro alcançaram grande êxito, de tal forma, que desencadearam grupos culturais como as taieiras que faziam parte do palco de comemoração. Sendo grandiosas festas que envolviam rituais recheados de atividades

religiosas e profanas. Nesses dias, a euforia tomava conta das pessoas que cantavam, tocavam instrumentos musicais e dançavam, era alegria por toda parte. Isso contagiava toda população que aderiu aos movimentos festivos contribuindo para que estas fossem cada vez mais aprimoradas e enaltecidas até o século XIX.

Em relação as festividades religiosas profanas, Alceu Maynard Araújo coloca que “as marcas raciais podem dificultar a assimilação, mas a política da igreja foi sábia, procurando transformar elementos heterogêneos, fazendo-os partilhar de experiências comuns, incorporando-os a uma confraria religiosa.” De acordo com o autor, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos nasceram do choque entre escravos e senhores. Ainda segundo ele, a santa foi dada como padroeira aos negros, onde as culturas foram desintegradas sob pressão uma da outra. (1967, p. 94). Araújo afirma ainda que o “culto festivo popular e profano-religioso ao santo advogado dos pretos” tende a desaparecer. [...] “Este santo respeitoso que é nosso amparo e vida.” (1967, p. 265). Conforme Carlos Rodrigues Brandão:

A festa de São Benedito incluiria um conjunto amplo de situação e cerimônias. A missa católica, que é um ritual erudito da igreja, assim como as procissões da manhã e da tarde de domingo; o levantamento do mastro de São Benedito com os ternos dançando e cantando em volta, o cortejo dos reis, as visitas rituais, as danças e embaixadas dos grupos de congos e Moçambique no odro da igreja, que são o seu folclore. (BRANDÃO, 1982, p. 52)

Convém ressaltar que o sucesso alcançado foi graças ao empenho. Estas, ligadas ou não as irmandades que eram associações com propósitos definidos e muitas características diferenciadas de um lugar para outro. No Brasil, segundo Santos, as irmandades contribuíram no processo de resistência cultural dos africanos, apesar da igreja incentivar o ideal do escravo obediência e submissão. (2005, p. 60). A autora coloca que nas irmandades havia um estatuto e nele ficava explícitos os fins da

associação que eram ajuda mútua, cuidar dos sepultamentos dos irmãos dentre outros. Para preparar a festa e comprar a alforria se fazia necessário uma quantidade de dinheiro e esse era coletado nas irmandades através de doações, bolsas dos santos, esmolas, anuidade dos irmãos dentre outras formas de arrecadações. Ainda segundo ela, “no Brasil, as irmandades eram organizadas de acordo com a cor da pele”. Portanto, conforme destaca a autora existiam irmandades de brancos, pardos e negros, sendo que nas últimas existia uma identidade com alguns valores de práticas africanas e brasileiras. Ela afirma ainda “que no século XVII e parte do XVIII se organizavam de acordo com a nação africana, assim havia irmandade que só aceitava os provenientes de Angola, ou os da Mina.” (SANTOS, 2005, p. 60-61)

Na Vila de Lagarto, as festividades dos negros eram vistas por toda população lagartense que vislumbrava ao fazer parte ou presenciar as novenas e procissões. De acordo com Claudelanklin Monteiro Santos um processo de aculturação ou hibrismo cultural teria dado origem a associação da festa e das taieiras a tradição e existência dos chamados reis e rainhas e seus respectivos coroamentos. (SANTOS, 2006, p. 24). Ele destaca que a escolha dos reis e rainhas da festa ficava a cargo das irmandades de modo especial dedicadas a Nossa Senhora do Rosário. (SANTOS, 2006, p. 24).

O autor também enfoca que, as taieiras tinham o compromisso de ir buscar os soberanos em suas casas, dançando e cantando e enfeitando o cortejo do seu deslocamento para a igreja. Durante a procissão, o autor menciona que o clima da festa dedicada a São Benedito era de camaradagem e cooperação, onde havia um sentimento de discórdia e respeito mútuo. Porém uma série de fatores fizeram com que a festa de São Benedito caísse no esquecimento. (SANTOS, 2006, p. 24-25).

Por toda parte uma série de fatores fizeram com que as festas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário fossem entrando em decadência. Sobre isso, Carlos Rodrigues Brandão relata que em muitas

idades de quase todo o país, o esplendor de todos os níveis de trocas entre homens acaba impondo aos nossos dias de rotina e de festa. Assim, decadente, a festa perderia parte importante de sua estrutura. Em muitas cidades os solenes cortejos processionais acabaram. (BRANDÃO, 1982, p. 54). Alceu Maynard Araújo ressalta a relevância das festas dos negros as quais hoje tem entrado em decadência devido a penetração dos negros que aderiram as mudanças sociais causando em alguns lugares o desaparecimento das mesmas ou alterando a qualidade tradicional das raízes de origem. (ARAÚJO, 1967, p. 194).

Em relação as festividades, representadas como ritual para forma de diversão, estava o fato delas terem se deslocado do interior das igrejas para as ruas, onde os fins maiores passaria da estimulação à fé e a devoção para o profano, onde o interesse era afirmar o poder e a busca de diversão. (TINHORÃO, 2000, p. 67).

Como se percebe, uma das características fundamentais das festas religiosas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário foi a questão do controle social e ideologia no sentido de manter os escravos e negros subalternos e obedientes. Sobre estes aspectos a autora Laura de Mello e Souza coloca que era conveniente para a igreja e para o senhor branco deixar aflorar as manifestações sincréticas para se ter esse controle social e ideológico que tanto lhes era essencial. (SOUZA, 1986, p. 93)

Porém, como alguns autores já colocaram, esse tempo de glória e esplendor não foi permanente, veio a decair com as várias misturas de raças e costumes. No tocante a esse declínio o autor Roberto Pereira da Silva Samora deixa nítida a preocupação com a decadência das congadas, uma das formas folclóricas dos devotos em louvor a São Benedito e Nossa senhora do Rosário, bem como a outros santos (SAMORA, 2003, p. 54-55).

A partir de estudos que segundo Elmo Elton “os escravos negros admiravam a vida santificada de São Benedito mesmo antes dele ter sido santificado pela igreja católica”. (ELTON, 1987, p. 26).

De acordo com Alceu Maynard Araújo, as festas de São Benedito diferem a data de comemoração e as danças de região para região e que perde sua função social de pendências entre negros e brancos, escravos e senhores. Contudo, o número de devotos brancos tem aumentado. E que embora tenha aumentado o número de fiéis, o número de festas em homenagem a São Benedito diminuiu e em algumas regiões desapareceu. (ARAÚJO, 198, p. 189 -190)

As comemorações ocorrem como aconteceu nas festas dos santos na data da morte. Porém, na cidade de Lagarto a festa era comemorada em meses diferentes ao seu falecimento, assim coloca o autor Elmo Elton. Ele ainda relata o declínio da festa de São Benedito. Em situações comenta que “a despedida que envolve uma promessa de voltar no ano que vem não foi cumprida. E é uma pena! Um elo de nossa tradição que se partiu. Seria tão bom que a promessa se cumprisse.” (ELTON,1987, p. 263)

Reafirma Joceneide Cunha dos Santos “que grande parte das atividades lúdicas que envolviam os homens e mulheres livres, libertos ou escravos estava

ligado às atividades religiosas: novenas e procissões” (SANTOS, 2006, p. 62). Para Claudefranklin Monteiro Santos, na festa de São Benedito em Lagarto “a cerimônia segue com enorme euforia, marcando o tom da festa”. Esse elemento festivo assume uma espécie de junção social importante marcado pelo aspecto espontâneo e democrático. De acordo com ele, a festa dedicada ao santo preto, tem caído no esquecimento por isso hoje Lagarto recente de mais um pedaço de sua memória que lhe foi arrancada pela força da indiferença que é ao mesmo tempo mutável e cruel com que é espontâneo, do pobre e do povo. (SANTOS, 2006, p. 25)

Vale destacar que segundo Melo Morais Filho a maior atração para os lagartenses era o objetivo do culto. As imagens eram adornadas com luxo e riqueza nas casas de particulares onde passam à noite. (MORAIS FILHO, 2002, p. 89).

Portanto, a influência religiosa e a necessidade de manifestar a crença nos santos, não só fazem parte das tradições católica para

consolidar a fé no santo como também para compartilhar momentos de lazer.

Em suma, os autores divulgam as festas de São Benedito nos eu esplendor religioso e profano, a data da festa muda de acordo com a necessidade de cada região e a escolha das canções e das danças. Lamentam que apesar de ter aumentado e diversificado o número de fiéis tenha diminuído o número das festas e em alguns lugares até acabado. Retratam também a importância dessas festas tanto para aqueles que organizavam e participavam das mesmas festas como para aquelas que foram como herança cultural. Dessa forma, constatamos que a pesquisa realizada comprova a devoção, primeiro do negro e depois inserção do branco, representou muito na vida das pessoas e na história da religião, e que infelizmente a escassez nas festas de homenagem ao Santo Benedito, mesclada de elementos religiosos pela realização da missa e profanos com danças e músicas para alegria do negro escravo tem ofuscado a importância para a cultura local e/ou regional.

As festas religiosas e populares fazem parte da vida de cada povo ou sociedade como algo inerente de sua cultura, como eventos e celebrações que expressam um conjunto de valores impregnados de um povo, são incorporados conhecimentos, atividades e atitudes sempre com muita simbologia e marcados por aparatos que representam sagrado e o profano.

Como um país com enorme diversidade cultural o Brasil é marcado por diversos traços étnicos, políticos e sociais. sendo assim, as festas religiosas e populares representam a mestiçagem e a riqueza da herança cultural de outros povos, bem como a própria capacidade de criar e recriar sua própria cultura. sempre mais presentes nas populações mais pobres onde as comemorações interrompem o cotidiano das pessoas e constituem um momento ao qual podem expressar suas crenças e tradições, que por vezes, apontam seus conflitos e sofrimentos, denunciam as relações entre subordinados e dominantes da sociedade, ostentando muitas das vezes de forma glamurosa a arte descontraída de revelar seus anseios e desejos.

As festas religiosas comumente se deparam com fatores característicos que podem ser semelhantes e/ou diferenciados. Nesse contexto tão diverso pode-se destacar os motivos que são fortemente representados através das crenças, tradições, superstições e ritos nas práticas culturais que demonstram as ações e costumes.

Essas festas outrora reluziam diversas localidades brasileiras de forma propensas as manifestações e dissiminações. Na própria dinâmica das festas em função de lugar e período foram ocorrendo a miscerabilidade ao ser elencados elementos próprios da cultura local ou ainda, em virtude de razões religiosas que foram contundentes, aspectos elementares foram sendo dirimidos das manifestações populares e religiosas. Elas possuem muitas funções como estimular a santos de santos e ao mesmo tempo divulgar a fé cristã e obediência a igreja, estagnar atitudes mentais e sentimentais expressas nas músicas, nas danças, e em outras formas de representações, bem como quebrar a rotina de trabalho e o marasmo da vida difícil e pregressa de pessoas pobres, escravos e libertos, e sobretudo aquietá-los permitindo suas manifestações.

Em Sergipe muitas localidades foram contempladas com as festas religiosas, sendo observável a mesma dinâmica das demais localidades brasileiras. Sempre opulentas eram recheadas com grandes adereços e grupos folclóricos que emanavam as mais belas representações populares. Dessa forma, concebe como objeto de destaque a procissão do Senhor dos Passos e Nossa Senhora do Rosário em São Cristóvão, São Benedito, e Nossa Senhora do Rosário em Lagarto.

Assim abrilhantando a cidade de São Cristóvão localizada na zona do litoral do estado de Sergipe a procissão do Senhor dos Passos constitui um espaço de devoção e prazer. Festejada no período da quaresma, tem como principais realizações as procissões do depósito e do encontro que acontecem no segundo sábado e domingo da mesma.

A procissão do Senhor dos Passos é moldada por um complexo ritual, uma vez que reúne procissão, romaria e peregrinação que estão

intimamente ligadas ao fenômeno religioso. Dessa forma, ela possui um sentido de caráter religioso para os fiéis e grande relevância quanto a simbologia, a crença e ao poder na pessoa do cristo havendo uma relação íntima entre os fiéis e o santo. Em afirmação à temática Magno Francisco de Jesus Santos enfronha que a procissão é o ápice, sendo portanto o momento mais aguardado e nela há uma disputa entre o clero e a ordem terceira do Carmo disputando a posse dos festejos (SANTOS, 2005, p.101).

É perceptível o tempo da festa como cósmico que demonstra o momento liminar em que as diferenças se neutralizam e os sentimentos se completam, onde o mundo social e modo de vida fazem sua passagem a cada ano. A festa de passos em São Cristóvão tem suas peculiaridades bem distintas como é o caso do voto e ex-voto como coloca Magno Francisco de Jesus Santos “a origem dos ex-votos está ligadas as festividades do Senhor dos Passos, que é uma romaria de penitência com a participação de um elevado número de fiéis” (SANTOS, 2005, p.108).

No contexto sergipano podemos entender a procissão dos Passos com o depósito dos ex-votos como uma expressão da religiosidade tradicional, representando uma história de vida de cada pagador de promessa, demonstrando as experiências individuais nas quais o homem coloca nas mãos de Deus a instância última para o atendimento do seu pedido, seja ele qual for, e ele, pagador de promessa, ia humilde e descalço agradecer. (SANTOS, 2005, p. 108).

Notadamente importante, a procissão dos Passos foi uma das principais em Sergipe no século XIX. Atraía pessoas de diversas localidades do estado que se dirigiam a São Cristóvão todos os anos para prestigiar ou cumprir uma devoção. Sendo assim, havia a participação de todos os segmentos sociais como romeiros, pagadores de promessas, políticos, membros da alta sociedade dentre outras pessoas influentes que compunham a trajetória das realizações. Fica, portanto, evidente para as pessoas influentes os monopólios como a exclusividade no transporte da charola do Senhor dos Passos durante as

procissões que além dos motivos devocionais, aproveitavam o ensejo para legitimar sua posição social. E sobre isso Magno Francisco de Jesus Santos discorre:

A presença da elite na procissão do Senhor dos Passos pode ter interpretações que vão além dos aspectos devocionais. É evidente que o senhor dos passos constitua uma das principais devoções do catolicismo em Sergipe, tendo fiéis de diferentes segmentos sociais. No entanto, elementos como a busca pelo direito de transportar sobre os ombros um dos varões da charola releva intenções que extrapolam ao caráter penitencial. O transporte da charola pode ser como um eficiente meio de legitimação do poder, de demonstração do status que esse segmento social detinha, ou seja, a elite usava do prestígio da imagem para consolidar e expor o papel de destaque que desempenhava na sociedade sergipana. Assim podemos dizer que, além da devoção da elite ao Senhor dos Passos, havia também um forte jogo de interesses, uma disputa pelo poder materializado na posse de um dos varões da charola. (SANTOS, 2005, p.).

Quando se fala de festas religiosas é notório observar a importância das irmandades nesses eventos pelo papel que elas desempenhavam junto a igreja com compromissos definidos. As associações em São Cristóvão pertencentes a grupos étnicos distintos eram compostas por elementos da mesma classe devendo atender os critérios que regulamentavam como o de ser católico, pagar os encargos, dentre outros. Nossa Senhora do Rosário. Portanto, era a padroeira da irmandade dos homens pretos em São Cristóvão. E sobre eles Vanessa dos Santos coloca:

O fato é que sob o signo de homens pretos do Rosário os membros da irmandade cristovense fundaram uma identidade baseada em etnicidade, que passava pela atribuição e pelo reconhecimento na interação com outros grupos leigos, numa disputa por bens sagrados e reconhecimento no campo religioso católico da cidade. Assim, na negociação com seus “outros”-branco e pardos estabeleciam-se fronteiras formadas a partir da seleção de elementos diacríticos que se tornavam seus traços definidores. (SANTOS, 2005, p.6).

A cidade de São Cristóvão também foi palco da festa de Nossa Senhora do Rosário celebrada de dezembro a janeiro, e que em tempos passados assinalou a culminância da devoção dos cristovenses a Santa, onde na referida cidade foi erguida uma igreja da Irmandade do Rosário. A festa de Nossa Senhora do Rosário também teve os seus momentos de euforia e efervescência fomentando a fé e a devoção. Notadamente, a festa tinha um componente primordial a taieira que a integrava, porém outros grupos como a Chegança e o Cancumbi também se apresentavam.

A tradicional festa era previamente precedida no mês de dezembro com o levantamento do mastro pela Irmandade na porta da igreja do Rosário no dia 21 do mês citados ao som dos sinos e foguetes. De acordo com Beatriz Góis Dantas no dia da festa os irmãos saíam às casas dos reis e rainhas e iam acompanhados pela Irmandade até os degraus do altar-mor para serem pelo padre coroados (DANTAS, 1972, p.52).

No contexto das festividades na cidade de São Cristóvão que datam do século XIX, vale ressaltar a importância do ciclo açucareiro como economia predominante e de grande relevância para o desenvolvimento e culminância das mesmas. Documentos valiosos como o Anuário Cristovense de Serafim Sant' logo que descreve os aspectos da festa de Nossa Senhora do Rosário permitindo melhor compreensão e riqueza de detalhes quanto à estrutura e organização. De acordo com Vanessa dos Santos Oliveira o autor o escreve na perspectiva de ser um testemunho para seus filhos e netos e conseqüentemente pode ser substituído na guarda e na continuidade da transmissão do documento (OLIVEIRA, p.18).

A festa do Rosário era organizada e celebrada sob a ótica do catolicismo oficial e popular uma vez que contava com elementos das duas categorias como celebração de missas, fogos de artifícios, músicas e pregações que desde o tempo de preparação tendo início em dezembro faziam parte do calendário festivo da cidade. Havia comumente e nessas festas, a coroação de reis e rainhas, constituindo a parte profana das

mesmas já que eram compostas por danças e músicas dando conotação aos festivos. outra questão observada foi a discrepância em relação as datas da realizações da festa do Rosário descrita em documentos. de acordo com Beatriz Góis Dantas nas palavras de Vanessa Santos de Oliveira isso do deu em função do ajustamento das festividades ao calendário agrícola para que este não fosse prejudicado e a dedicação de um dia para a celebração da coroação de reis e rainhas (OLIVEIRA, 2007, p.19).

Tendo papel de destaque as taieiras tinham uma data exclusiva para a realização de sua festa, sendo esta no dia seis de janeiro e bem comprometidas com a igreja, elas cumpriam sua missão sendo isso percebido nas palavras de Beatriz Góis Dantas quando discorre:

Apresentavam-se as taieiras na igreja para dançar e louvar os santos. Vestidas de branco, enfeitadas de fita, “rigor” na cabeça e sobre elle um rico chapéu” levando na mão uma bengala, dançavam e cantavam ritmo de um pequeno tambor tocado por um velho, único elemento masculino do grupo de dançarinas. Através dos cantos afirmavam o sentido religioso e justificavam o direito de louvar a virgem antes dos demais grupos folclóricos.(DANTAS,1972,p.52).

A separação das festas se deveu a vontade da igreja que tinha o intuito de desagregá-las em virtude das reformas que a mesma estava passando e por conseguinte, de tornar seus eventos apenas de caráter religioso sem a parte profana. Dessa forma, a festa de Nossa Senhora do Rosário se tornou mais romanizada sendo administrada agora, pelo clero que se incumbia de realizar seus eventos como as missas e procissões. A irmandade que tanto se dedicou e assim como em tantas outras festas por várias regiões e localidades de todo o país sendo a peça chave do sucesso das mesmas esquivou-se diante do poder e da vontade da igreja em ter exclusividade sobre a festa do rosário dos homens preto em São Cristóvão.

Como tantas outras, a festa de Nossa Senhora do Rosário infelizmente veio a declinar e posteriormente a desaparecer em virtude da

decadência da devoção a santa, da mesma sorte que desapareceram os grupos folclóricos, inclusive as taieiras na cidade de São Cristóvão.

Como o campo da religiosidade é bastante amplo e complexo por envolver fatores inexplicáveis à ciência torna-se convidativo à compreensão e desvendamento da mesmas. Por isso, os olhares de muitos estudiosos e pesquisadores têm se voltados para esses fenômenos contribuindo para uma aproximação com eles. Assim, é que se explica o número significativo de obras que retratam as festas populares e religiosas as quais são compostas por aspectos religiosos que despertam o interesse em elucidar os mistérios ocultos dos mais simples aos mais glamorosos manifestos através dos rituais, das danças, das músicas e de todo aparato pautado na simbologia e fé cristã.

Nesta perspectiva se encaixa a festa religiosa de Divina Pastora como marco neste cenário de festividade e cultuação a célebres santos que por algum motivo foram bem propagados pela igreja e por fiéis devotos que viam nos santos a possibilidade de solução de problemas através do poder atribuído aos mesmos. Diferentemente das demais festas abordadas nesta monografia a de Divina Pastora possui caracteres bem peculiares que são portanto, ilustrados para melhor compreensão da trajetória e do território constituído como sagrado que afinal, deu ênfase ao significado da mesma. Trata-se de um evento mais característico da igreja católica com suas indumentárias sob novas propostas de divulgação do catolicismo dentro de uma nova visão. De acordo com Magno Francisco de Jesus Santos a peregrinação era diferenciada pois possuía muitas novidades e estava sobre o domínio da igreja que controlava todas as praticas de devoção, aos quais revelavam o caráter religioso, todavia, com a forma de evangelização inovadora (SANTOS, 2010, p.173).

Originada na segunda metade do século XIX, mais precisamente no ano de 1958 tendo principal idealizador o padre Luciano Duarte pautado em novos ideais e com o propósito de dissimular a palavra da bíblia através de novas formas incuti-la na vida das pessoas. A peregrinação de Divina Pastora não aconteceu ao acaso, foi premeditada, planejada e

posta em prática. Tudo foi cuidadosamente projetado, as pessoas que comporia o grupo, o tempo e os elementos de preparação e a execução do evento. Por isso, o início daquelas que confirmaria a virgem foi um sucesso. Com um pequeno grupo de jovens que faziam parte da Juventude Universitária Católica. O padre Luciano pode ostentar seu projeto de inovação. Através das leituras e debates em reuniões os jovens ficaram interessados e o desejo de realização cada vez mais forte, uma vez que estavam muito envolvidos com a temática da fé e religiosidade. Em conformidade com as informações Magno Francisco de Jesus Santos descreve:

A proposta do padre Luciano Duarte realmente era inovadora. Consistia na realização de uma caminhada devocional com jovens universitários, sem imagem de santos, debatendo uma temática previamente selecionada. Era uma forma de atenuar os espíritos dos universitários sergipanos, de corroborar para a dissiminação de uma nova proposta evangelizadora. A estética do cortejo era inovadora e, até certo ponto, assustadora, pois os universitários caminhariam perfilados entre Riachuelo e Divina Pastora sem nenhum andor e estandarte. Consistia na marcha intelectual católica, de reflexão sobre as questões da fé (SANTOS, 2010, p.173-174).

Amanheceu o domingo 24 de agosto de 1958. Estava marcada a primeira peregrinação que sucederiam tantas outras. Peregrinar segundo Magno Francisco de Jesus Santos “é por-se em marcha, é lançar pela estrada pela experiência de deixar o que se tem, em busca do que ainda não se tem, mas se espera.” (SANTOS, 2010, p.175.). Assim, após três meses de preparação tudo se encaminhava a grande marcha que era esperada com entusiasmo pelos universitários e pela diocese que almejava o sucesso dessa nova empreitada religiosa vista pela ótica da igreja como instrumento de preparação e convenção de fiéis. E para tanto, era preciso que o evento fosse bem divulgado chegando ao conhecimento da população, e para isso, foi difundido na imprensa com o propósito da informação chegar a todos.

Depois de uma longa jornada de estudos e debates os universitários

sabiam que era preciso ofuscar seus desejos de diversão e se manterem comedidos e contíguos na perspectiva de encontrar-se com o divino, com o sagrado, com algo pertinente ao mundo da sacralidade. Para eles, a expectativa era grande, afinal, estavam na busca de algo que até então, era desconhecido e que a cada instante mais perto ficavam de entrar em contato com esse mundo cósmico como discorre Magno Francisco de Jesus Santos:

Em Divina Pastora, os iniciais peregrinos sucumbiram à emoção diante da expectativa de poder encontrar-se com a ordem cósmica sacralizada. Sorrisos dividiam espaço com o nervosismo. A espera mágica pela peregrinação permanecia. A ansiedade pairava sobre os membros da JUC e com os primeiros raios de sol sobre as águas turvas do rio Sergipe, na aurora da rua da frente rua de Aracaju, os jovens caminhavam apressados pelas ruas para a escola de Serviços Sociais, de onde saíam três ônibus conduzindo peregrinos e clero para Riachuelo. Tinha início a grande marcha. Os ônibus partiram de Aracaju na manhã de domingo do dia 24 de agosto de 1958. (SANTOS, 2010, p. 178).

Tudo foi muito bem premeditado para que nada desse errado e compromettesse o sucesso da nova forma de peregrinação. Por tanto, a primeira peregrinação foi um acontecimento inédito que vislumbrou todos nas paragens daquela cidade, bem como os que presenciaram aquela penitência na caminhada de Riachuelo até Divina Pastora. Nenhum possível obstáculo do percurso como cansaço, calor, chuva, árvores, seriam encarados embaraços. Ao contrário, viam com bênçãos divinas. Avante na caminhada cantavam, oravam e debatiam sobre as coisas sacralizadas. Movidos pela expectativa de encontrar-se com o mundo sagrado venceram a mais difícil etapa da penitência, a ladeira. E para alegria de todos finalmente as portas da matriz se abriram e acontece o ápice da peregrinação o encontro com o sagrado, ou melhor, com a virgem e o garbo de seus olhares dirigidos a virgem manifestação o fascínio e admiração pela mesma e nesse cenário magnífico de transformação já no final da tarde foi celebrada uma missa

pelo bispo Don José Vicente que assinalou o primeiro sacramento da igreja com os peregrinos de Divina Pastora. A pós a celebração eucarística os universitários da JUC se prepararam e retornaram à sua cidade natural e conseqüentemente a vida rotineira, mas com um diferencial, ou seja, com a esperança e a certeza de um dia voltar e que esse era apenas o começo de mais um evento religioso,

A pós a repercussão do evento, o próximo grupo foi o das alunas secundárias do mesmo colégio da Aracaju. A parte daí outros grupos também fizeram a marcha estava se consolidando a peregrinação de caráter religioso e controle vital da igreja, sendo por tanto o principal intuito a mesma. Os novos devotos da peregrinação se multiplicaram naturalmente, porém, com a ausência do padre Luciano Duarte as peregrinações vieram a fracassar uma vez que ele era o principal organizador da festa. Todavia com o retorno e ascensão do padre Luciano volta a trajetória da peregrinação e a mesma é retomada com mais fausto e clareza. Desta vez com um público de todos os segmentos sociais. Dessa forma a devoção à virgem florescia irmanados seus filhos em seu santuário sob os fies religiosos. Contudo com o crescente número de fies algumas modificações ocorreram, inclusive partidas da igreja no sentido de manter a nova forma de pregação e devoção introduzindo nesse contexto paróquias de outros lugares. Assim, os domingos já não eram como antes, uma grande multidão voltava-se para o universo religioso, como destacou Magno Francisco de Jesus:

A peregrinação, nas moldes iniciais perdurava todo o domingo em marcha, pois somente no final da tarde de domingo é que os jovens estudantes despertavam na bucólica ladeira que dava acesso à cidade onde assistiam a uma celebração eucarística. Pode-se dizer que o enfoque maior recaía sobre a caminhada, fato esse que foi invertido com a adesão das paróquias da arquidiocese de Aracaju. A partir de 1971, o enfoque da peregrinação foi deslocada gradativamente para o santuário, que desde as primeiras horas do dia passava a receber os peregrinos oriundos das mais diversas paróquias. (SANTOS, 2010, p.205)

Todavia, vale destacar que novas realidades foram tecidas e as

mudanças, conseqüentemente ruíram as alamedas peregrinação de Divina Pastora, mas que caminha junto com o tempo guardada na memória.

No contexto das circularidades culturais desenvolvidas em muitas localidades de Sergipe ,é notório a primazia da Vila de Lagarto como lugar elucidante das diferenças étnicas e culturais oriundas da época e da origem de uma camada da sociedade lagartense. Na trama das festas sagradas/profanas do séculos XIX a irmandade do Rosário teve destaque fundamental sendo promissora de boas novas aos fiéis e pessoas que de certa forma se envolviam com as festas ou com a igreja.

Bem, tratando-se das confrarias é perceptível sua importância quanto ao caráter gerenciador e dissiminator das festas, bem como de outras obrigações que eram especificadas e determinadas nos termos de compromissos delas. Quanto a grande relevância das associações do Rosário da Vila de Lagarto Flavio Santos do Nascimento pontua:

O compromisso também especifica como e quando seriam os preparativos para a festa da padroeira,as obrigações dos demais irmãos,bem como o comparecimento aos velórios e enterros,além da quantidade de rezas e badaladas dos sinos que deveriam ser tocadas,de acordo com o que requeria a ocasião (NASCIMENTO, 2009, p.14).

No calendário festivo da vila lagartense a festa impulsionada pela irmandade do Rosário ocupava na vida das pessoas um lugar privilegiado constituindo um momento de realização pessoal e coletiva.Na empreitada das festividades a virgem Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito fazia-se também presente santa Efigênia ,ainda que não na mesma proporção em magnitude e devoção.

Ainda no tocante a urdidura das festanças,vale ressaltar aspectos diferenciadores que por ventura,regiam as relações sociais re o universo religioso da época.Por tanto,dentro das irmandades era visível as vertentes que determinavam as características de cada uma fazendo o diferencial na construção

identitária .Uma marca forte da irmandade de São Benedito é a maciça presença de negros e escravos.Outra,de acordo com Flavio Santos do

Nascimento que pode ser verificada é quanto ao financiamento das festas onde a de São Benedito era financiada com as esmolas dos seus fiéis e a de Nossa Senhora do Rosário ao contrário, era custeada diretamente pela irmandade (NASCIMENTO, 2009, p.25).

Com muita propriedade, as festividades em Lagarto tinham dentre outras finalidades a de reafirmar os valores étnicos e culturais do povo lagartense daqueles tempos que foram de forma decisivas elementos disseminadores da fé e diversão. Contudo, as festas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário será abordada de forma mais elucidada e detalhada no capítulo seguinte.

O contexto religioso é riquíssimo de elementos que o torna forte e dominador como os dogmas que são instrumentos determinantes no processo religioso. Dentre os diversos aspectos que compõe o sistema religioso é notório a relevância dos santos para as pessoas religiosas. Eles são inúmeros e exercem tanto um papel social como religioso na vida das mesmas que de alguma forma servem como condição de fé e realização. Uns se destacam mais que outros, isso em virtude de características próprias dos santos e seus devotos. Como é o caso de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário que alcançaram êxito em várias partes do Brasil, inclusive na Vila do Lagarto.

A trajetória das festas religiosas no vilarejo lagartense tem haver com a presença de irmandades criadas pela igreja para ajudar em suas atribuições, visto que nessa época era maciça a presença de negros escravos vindos da África para trabalhar. A Igreja cuidou de divulgar santos que se identificavam com os mesmos para que no âmbito dessa divulgação conseguir a passividade, submissão e obediência.

Houve um tempo de magnificência e exaltação dessas festas perdurando por alguns anos, onde a população lagartense, em especial negros, escravos e libertos vivenciaram dias de lazer e devoção. São Benedito e Nossa Senhora do Rosário foram destaques nas grandiosidades das festas, riquíssimas em detalhes e na quantidade de devotos que os veneraram. Tudo isso serviu para demonstrar que os traços de afinidades

entre ambos (santos e devotos) foram fortes para tanta afeição e crença. Outrossim, influenciaram terminantemente a vida religiosa da sociedade legitimando a crença nos mesmos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional**. Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. 2ª ed. Editora Brasiliense, 1982.

CALDAS, Alberto Lins. **O Sagrado e o profano**. 2007. Texto retirado no dia 28/08/2007.
<http://www.unit.br/~albertolinscaldas/hermsagrado%2004.html>.

DURKHEIM, Émile. **As formas Elementares de Vida Religiosa: O sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELTON, Elmo. **São Benedito, sua devoção no Espírito Santo**. 1ª ed. Espírito Santo, 1997.

LIVRO LAG/C 2º Of. Livro de Contas e Recebimentos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Série Diversificada. CX 1 – 1289. DOC 1 (1856 – 1877)

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2002.

NASCIMENTO, Flávio Santos do. **Um Estudo Sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila de Lagarto(1856-1875)**/Flávio Santos do Nascimento -São Cristóvão,2009.

OLIVEIRA, Vanessa dos Santos,NUNES,Verônica Maria Menezes....

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. & NUNES, Verônica Maria Menezes. Na Trilha dos Passos do Senhor: A Devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/Se. **Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão**, V.2, p.97-110. jul/dez.2005.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. As Ovelhas da Pastora: As Múltiplas Facetas de Uma Peregrinação de Sergipe. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7. Mai, 2010-ISSN 1983-2850.

SANTOS. Claudefranklin Monteiro. “A festa de São Benedito em Lagarto”. **Revista Perfil**. Ano XI, nº 88. Aracaju: Info Gráfica pág. 24-25.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SAMORA, Roberto Pereira da Silva. "Louvação ao Santo e ao imaginário Reino Negro do Brasil". In: **D.O.** Leitura. Ano 21, nº 04. São Paulo: Imprensa Oficial, 2003. Pág. 48-58.

SANTOS, Joceneide Cunha dos. **História da África**/Joceneide cunha dos Santos. Aracaju: Graf. UNIT, 2006.

TINHORÃO, José Carlos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.